

UMA ESCOLA DE CRIANÇA, PARA BRINCAR E SER CRIANÇA!

Geovania Graça da Silva; Laíse Soares Lima

Universidade Federal de Alagoas, geovania15@live.com
Universidade Estadual da Bahia, laisesoareslima@hotmail.com

Resumo: O referente estudo é um recorte de um trabalho de conclusão de curso, que teve como objetivo central compreender a presença e intencionalidade da brincadeira em uma escola de educação infantil do alto sertão alagoano. Deste modo, o estudo analisa como uma instituição de educação infantil promove e organiza as brincadeiras, tendo como metodologia de pesquisa os pressupostos dos estudos qualitativos, mediante uma pesquisa de campo, sendo utilizados como instrumento de produção dos dados, a observação indireta no momento do recreio e em três turmas de crianças com faixa etária de 4 e 5 anos, além de uma entrevista semiestruturada com as professoras responsáveis pelas turmas. Os resultados destacam que as brincadeiras estão presentes na instituição analisada, todavia, não como uma atividade pedagógica. O momento que a escola delimita para as brincadeiras é o recreio, sem oferecer materiais para a exploração das crianças, visto que não é direcionado outros momentos na rotina da escola para o brincar seja ele livre ou direcionado. Entretanto as crianças mesmo de forma limitada ressignificam o espaço conforme suas necessidades, inserindo a brincadeira a todo momento, por meio das suas imaginações e criatividade.

Palavras-chave: Brincadeiras, Crianças, Educação Infantil.

1. INTRODUÇÃO

Voltar o olhar para as crianças, suas ações e expressões, torna-se algo muito importante no campo das ciências sociais, a fim de enaltecer as suas singularidades e potencialidades. Assim, uma das principais e preocupantes percepções que vem sendo discutida, pesquisada e debatida, tanto na área da educação como em outras, é sobre o brincar, a forma com que as crianças brincam, o modo com que as crianças interagem, o papel do adulto perante as brincadeiras, entre outros tantos aglomerados de aspectos que se constituem em relevantes objetos de estudo entre tantas áreas.

O brincar mesmo sendo muito estudado, como tece Fonte (2017), há sempre algo novo a dizer, sendo ele renovado a cada época, por cada criança, não existindo uma maneira uniforme/padrão de brincar; as brincadeiras partem da imaginação da criança, da sua ação em sua realidade. Por isso, consideramos aqui a criança como um ser ativo, com capacidades e potencialidades, e o brincar sendo uma atividade singular da infância.

A relação entre a criança e o brincar, nos instiga a pensar a brincadeira como necessidade básica da criança, enquanto ser humano em desenvolvimento, que se apropria e se utiliza de tal ação desde a mais tenra infância. Nesta perspectiva, nos debruçamos no brincar como algo além de necessário, imprescindível para que se possa visualizar e interagir sobre o mundo.

Como argumenta Kishimoto (2010, p.1), “o brincar é uma ação livre, que surge a qualquer hora, iniciada e conduzida pela criança; dá prazer, não exige como condição um produto final; relaxa, envolve, ensina regras, linguagens, desenvolve habilidades e introduz a criança no mundo imaginário”. O que possibilita a aproximação da sua imaginação com o real, permitindo a liberdade de expressão e a representação de ideias e pensamentos de maneira divertida e prazerosa. Ao brincar a criança apresenta sua relação com o mundo, cria e recria por meio da imaginação e da fantasia. Desta forma, o brincar é umas das principais atividades da criança, que se reflete não só na sua alegria, mas em desenvolvimentos específicos da vida, como a cognição, corporeidade, intelectualidade, entre outros.

Neste sentido, dificilmente se pensa a criança dissociada das brincadeiras vivenciadas na infância, e é por meio desta ação que o processo de interação social e as apropriações culturais ocorrem, constituindo uma criança singular com infâncias diversificadas:

[...] sempre que se fala em crianças pensa-se em brinquedos, brincadeiras e jogos. A brincadeira é algo de pertence à criança, à infância. Através do brincar a criança experimenta, organiza-se e regula-se, constrói normas para si e para o outro. Ela cria e recria, a cada nova brincadeira, o mundo que a cerca. O brincar é a forma de linguagem que a criança usa para compreender e interagir consigo, com o outro, com o mundo (DORNELLES, 2001, p.104).

Corroborando com essa perspectiva, a criança tem a brincadeira como uma ação prazerosa que lhe proporciona distintos desenvolvimentos; conhecimento de si, do outro e do mundo; interação com o ambiente, com adultos e com seus pares. Nesse sentido, hoje os escritos de muitos pesquisadores como KISHIMOTO (2011), BROUGÈRE (2010), WAJSKOP (1995), BORBA (2005) nos ajudam a entender o brincar como essencial no processo educativo das crianças, indo além de passatempos ou atividades sem significados, mas sendo a brincadeira livre ou dirigida, um recurso pedagógico que permite manifestações, expressões, aprendizados e significados para as crianças.

Dessa forma, buscamos nesse estudo apresentar um recorte da pesquisa de trabalho de conclusão de curso, que teve como objetivo central compreender qual a presença e intencionalidade das brincadeiras nas práticas pedagógicas de uma escola de educação infantil no alto sertão alagoano. Todavia, obtendo distintas categorias de estudo, nesse trabalho destacamos o papel do recreio e qual o sentido deste momento para as crianças, apresentando os discursos e as impressões observadas nas ações dos professores e das crianças nesse momento.

Assim, nos detemos no decorrer do trabalho a apresentar a metodologia escolhida para o desenvolvimento do estudo e quais os resultados obtidos em diálogo com o que nos apresenta a literatura referente ao brincar.

2. METODOLOGIA

Pesquisar sobre aspectos presentes na prática pedagógica de uma escola de educação infantil, é considerar as singularidades e ao mesmo tempo as pluralidades das crianças, a protagonização e co-protagonização do professor quanto instrutor e mediador da educação.

Com isso, para o alcance dos nossos objetivos, utilizamos da pesquisa de caráter qualitativo, que de acordo com Moreira (2008, p. 73), “[...] explora as características dos indivíduos e cenários que não podem ser facilmente descritos numericamente. O dado é frequentemente verbal e é coletado pela observação, descrição e gravação. [...]”. Compreendendo, portanto, a pesquisa qualitativa como um viés ao qual nos proporciona descrever fatos em sua profundidade, numa relação dinâmica do mundo real, objetivo e concreto com os sujeitos, estabelecendo de forma fidedigna as características encontradas no objeto de pesquisa.

Buscamos dessa forma, coletar narrativas e concepções de professoras de crianças de quatro e cinco anos, que atuam em uma mesma escola, observando em sala de aula e no momento de recreio como suas ações se efetivam. Seguindo este viés, foi necessário a alocação de duas etapas da pesquisa de campo, sendo a primeira direcionada a observação da sala e do recreio, momento que buscamos identificar a relação “professor e criança”, “criança e seus pares”; e a segunda etapa, direcionada a entrevistas com as professoras.

O estudo foi concedido diante de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tendo a imagem das professoras preservada, com o uso de pseudônimos como nome de flores. Assim, reconhecendo a importância do brincar para o desenvolvimento das crianças, e entendendo como a escola pode utilizar deste recurso, de modo pedagógico, em suas diversas ações, apresentaremos a seguir quais as visões sobre o momento recreativo na pré-escola.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Comumente as escolas de Educação Infantil possuem uma organização de horários e atividades, que devem ser seguidas pelas crianças e professoras, constituindo uma rotina de hábitos e ações diárias. Logo, um dos elementos que constituem essa organização, o qual as

crianças atribuem muito valor, gosto e interesse, é o recreio, o momento em que elas podem se sentir livres para explorar o espaço que se situam. Este momento se torna tão significativo, pois é o momento que elas se sentem à vontade para ser e fazer o que quiserem. Podemos ver isso em algumas cenas relatadas no diário de campo:

Cena 1: O sinal toca o menino grita: Bora corrê ê ê....

E começa a correr e brincar de luta. (Diário de campo, 21/09/2017, p. 2)

Cena 2: Ao perceber que podia sair da sala, pois era o momento do recreio, o menino chama mais dois: vamos brincar? (Diário de campo, 22/09/2017, p. 3)

Cena 3: Um menino diz: trum, tocou o recreio! Bora correr!

Daí, sai correndo, dizendo estar brincando de gato. (Diário de campo, 26/09/2017, p. 6)

Assim, como vemos nas cenas, era algo automático, e isto se repetia todos os dias, ao tocar o sinal, as crianças gritavam e depois corriam, era perceptível que o recreio era o momento mais esperados por eles, era como se a aula os inquietassem, eles não demonstravam muito em palavras, mas nas expressões, quando tentavam sair da sala para correr no pátio, quando pegavam o lanche e corriam antes de tocar o sinal, demonstrando uma ansiedade.

Deste modo, percebemos que as crianças se identificam com o momento do recreio, como observamos a empolgação dos garotos ao ouvirem o sinal tocar. É notável que as crianças têm gostos próprios, são capazes de fazer escolhas, pensar, planejar, mesmo em um ambiente delimitado e organizado sobre uma certa estrutura, que elas por vezes não se identificam, mas ressignificam e/ou dão novos significados recriando, através da sua criatividade.

Nesse sentido, algo muito predominante no recreio era a interação entre meninos e meninas, bem como a socialização entre eles. Isto ocorre devido o recreio ser um momento propício para brincar, como aborda Brougère (2010), a brincadeira é uma atividade que possibilita a criança a apropriação dos códigos culturais e seu papel na socialização, tanto que o processo de socialização entre elas acontecia de acordo com o ritmo das brincadeiras.

Brougère (2010, p. 66), encara a socialização como “[...] um conjunto dos processos que permitem à criança se integrar ao ‘socius’ que a cerca, assimilando seus códigos, o que lhe permite instaurar uma comunicação com os outros membros da sociedade, tanto no plano verbal quanto não verbal [...]” Corroborando com esta perspectiva, podemos observar que no recreio os modos de comunicação se davam tanto no plano verbal quanto não verbal, isto podemos observar nas cenas coletada em um momento de recreio:

Dois meninos brincam com uma bolinha de papel.

Um menino está brincando sozinho com uma lanterna.

Logo em seguida todos começam a brincar de gato.

As meninas estão brincando de polícia, uma pega no braço da outra e diz:
- Bora bora, bora pra cadeia!
Outras crianças começam a brincar de trem cantando.
- Piuí, piuí, quem quer brincar de trem?
Em seguida desfazem o trem e começam a correr. (Diário de campo, 06/10/2017, p. 10)

Na cena descrita, podemos perceber a capacidade das crianças de interagirem entre si, muitas vezes sem o uso de palavras, mas apenas por meio das ações. O ato de brincar é convidativo e exploratório, permite que todos se envolvam em um processo de negociações e aceitações. Principalmente as brincadeiras livres, em momentos como estes no recreio, revelam a capacidade que as crianças possuem de inventar e aprimorar as situações conforme suas vontades. Assim, considerando que as crianças estão sempre se socializando e recriando seu espaço, nos questionamos qual o papel da escola e dos adultos em atividades como o recreio?

Primeiramente, vemos como necessário entender o significado de recreio, que de acordo com Friedmann (2012, p.150) “A palavra recreio vem do grego recrear, que por sua vez, significa renovar, reanimar, distrair, alegrar [...]”.

Em consonância a isto, a professora Rosa entende que o recreio é um momento da criança brincar, um momento de liberdade e expressão, mesmo não participando de modo contínuo das atividades das crianças, analisemos sua fala:

Professora Rosa: Sempre no recreio, elas brincam né? O comportamento deles é só brincar, por que eu acho que não tem um momento deles se comportar, é o momento de lazer deles, eles pulam, caem, choram. No intervalo elas são livres para brincar, você não pode colocar regra na criança de como ela deve brincar e como não deve, você pode dizer que não pode arengar, nem bater no colega, mas para brincar tem que ser livre, mas o certo seria nós estar lá, eu mesma não gosto de ficar lá fora, mas o certo é nós estar observando as brincadeiras deles lá fora, por que se ele cai, ai chega uma mãe, ai eu não sei como ele caiu, a obrigação minha é está observando a brincadeira deles.

A professora Rosa compreende a importância da escuta e do olhar observador, mas se prende em não gostar de sair da sala, o que leva por via das vezes as crianças ficarem brincando sozinhas no recreio, sem o olhar mediador de nenhum professor ou funcionário da escola. Deixar a criança brincando livremente, não quer dizer a ausência de regras, pois as regras, sejam as elaboradas pela escola ou regras sociais de convivência, são essências para que as crianças convivam e brinquem no coletivo. Desse modo, como visto em 15 dias de observação, na maioria das vezes as professoras tinham o recreio como um momento de descanso, e nem sempre estavam no pátio para observar as crianças. Nisto, como bem entende a professora Orquídea:

Professora Orquídea: Olha é um conjunto, a brincadeira tem que ser livre e mediada, por que muitas coisas eles têm que fazer sozinhos, criar e seguir, por que é para eles aprenderem. No recreio muitas coisas a gente têm que orientar, se não dá tudo errado também, por que tem menino que sempre gosta de lutar, bagunçar, um quer uma brincadeira, outro quer outra, e fica aquela confusão, ai tem que ter limites.

A professora Orquídea em suas palavras, busca enfatizar a importância do professor estar atento a como as crianças estão brincando, e para que isso aconteça é preciso que o professor (e/ou equipe escolar) auxilie a criança, sabendo intervir no momento propício. O auxílio e a participação do professor nas brincadeiras das crianças, podem ocorrer em situações livres (espontâneas) ou planejadas, a depender do objetivo que o recreio possua para os docentes. Friedmann (2012) tece que o brincar espontâneo abre um leque de possibilidades para as crianças como também ao docente, através da escuta e observação das crianças nas suas linguagens mais autênticas, o que não descarta a brincadeira direcionada, nem atribui a ela menor importância, pois, deve ser expressa na instituição de Educação Infantil diversas formas de brincar, considerando as múltiplas aprendizagens para a criança.

Desse modo, como podemos relatar através das observações contidas no diário de campo:

Na organização da escola, o recreio tem duração de 20min apenas. As crianças ao tocar o sinal, correm para o pátio, elas correm, para todos os lados. Durante vários dias de observação, foi visível a interação entre meninos e meninas, e o compartilhamento das brincadeiras. O sol esquentava as crianças, que corriam de um lado ao outro no pátio, a céu aberto, não tinha nada que os impedissem de correr, mesmo quando alguém mandava que parassem, corriam mais e mais, O pátio, era um lugar vazio de objetos, tinha apenas uma caixa d'água, que colocava as crianças em risco, pois elas gostavam de se esconder atrás dela. (Diário de campo, 27/10/2017, p.29)

Através do relato acima, podemos destacar alguns pontos interessantes, como o fato de sempre as crianças no recreio correrem, mesmo que neste ato de correr estejam implícitos diversos modos de brincar, se torna uma problemática pelo fato de que eles no recreio também deveriam ter acesso a materiais e/ou direcionamento das professoras e/ou adultos para o conhecimento de outras brincadeiras. A brincadeira de correr das crianças, como algo que se repete em todos os recreios, pode estar associada a falta de recursos e ao conhecimento de brincadeiras culturais. Com isso, o RCNEI (BRASIL, 1998) nos pontua que organização do espaço e a seleção de materiais devem transcender o espaço da sala de aula, assim, o todo espaço

escola, como também toda rotina da escola deve ter uma organização envolta das necessidades das crianças.

Deste modo, vemos que o espaço por não ter materiais acessíveis para o momento de recreação, limita a criatividade das crianças. Segundo Brougère (2010), o brinquedo é um suporte para a brincadeira, a partir da relação da criança com os brinquedos, a imaginação e a criação pode ocorrer, porém o espaço também deve ser um suporte, então, vemos que ambos são indissociáveis, são elementos que devem estar presentes para a exploração das crianças.

Conforme destaca Kishimoto (2010, p. 3), “[...] a organização do ambiente pode facilitar ou dificultar a realização das brincadeiras e das interações entre os adultos e as crianças. O ambiente físico reflete as concepções que a instituição assume para educar a criança”. Paralelo ao que Kishimoto aborda, vemos a situação da organização da escola, que, de certo modo, dificulta o desenvolvimento de novas brincadeiras, bem como a participação das professoras, sendo resultado também da falta de materiais na escola.

Como Farias e Salles (2012, p.35) abordam,

[...] para atender às necessidades da criança e à diversidade do currículo na Educação Infantil é imprescindível a organização de espaços internos e externos que permitem as vivências corporais, a imaginação, o desenvolvimento do brincar, das demais linguagens, o contato com a natureza, a vivências das práticas sociais de cuidado e autocuidado, a apropriação e produção de conhecimento e ampliação de seu universo cultural.

Nisto, outro ponto a se destacar vem a ser a presença da caixa d’água no pátio que se torna algo perigoso para as crianças, pois elas estavam sempre brincando perto da caixa. O risco em caírem, mexerem na água, buscarem explorar a caixa por suas curiosidades, é tamanho. Sendo, portanto, primordial que os adultos direcionem seus olhares e atenções para este espaço, o que infelizmente não acontece como relatado pelas professoras.

Assim, de acordo com Wurdig (2010, p. 90), “O recreio é um dos raros momentos em que as crianças estão livres, onde se encontram, aprendem e produzem cultura lúdica.” Momento este, que demonstra para criança prazer, espontaneidade e ludicidade, porém, a presença dos professores e equipe escolar neste momento é imprescindível, pois eles que devem mediar mesmo que de forma indireta, todavia, o que não significa dizer que o recreio possa ser o único momento das crianças produzirem a cultura lúdica. Visto que é preciso que os professores instiguem diversas experiências a partir do brincar.

O professor e a equipe escolar devem entender e conhecer a importância do brincar no momento do recreio, bem como a importância dos materiais. Os profissionais da educação

precisam estar atentos que o brincar tem um sentido importante e essencial na vida das crianças, por isso torna-se importante o envolvimento deles.

Nessa linha argumentativa, percebemos que o espaço da escola, que as crianças têm para brincar no recreio, apenas um pátio a céu aberto, sem brinquedos, sem estrutura, e limitada, não têm subsídios que permitam a criatividade das crianças nem que elas possam interagir com o meio. Não há no espaço escolar, objetos que estimulem a criatividade da criança, porém a professora Açucena afirma, que na escola há jogos, como podemos observar em sua fala:

Professora Açucena: Tem! Tem uns que eles podem criar, tem vários jogos aqui na escola, tem o aquário, tem o de combinar cores, o de montar, não é aquelas coisas, mas tem.

Contudo, em nenhum momento na observação foi visto a presença desses jogos, nem articulação de brincadeiras no intervalo pelas professoras e equipe escolar. Os brinquedos presentes no intervalo eram brinquedos trazidos pelas crianças de suas casas.

A rotina das brincadeiras ocasionadas no recreio, foram alteradas apenas em dois dias durante as observações, os dias 09/10 e 10/10. Nesses dias, o recreio teve duração de 1h, pois era semana das crianças, e a escola se organizou para prolongar o recreio com brincadeiras, na qual o primeiro dia, toda a equipe escolar interagia e se preocupava em brincar com as crianças, neste dia se dividiram e assim animaram as crianças. No segundo dia levaram 5 palhaços para brincar com as crianças, com brincadeiras de rodas, apresentações, músicas e piadas, nos chamando atenção a cena seguinte:

Os palhaços brincavam com as crianças, enquanto isso, alguns meninos se afastaram para brincar de bola, quando uma das professoras percebeu foi até eles e repreendeu:

- Hoje não, hoje é dia do palhaço, vamos! (Diário de campo, 10/10/2017, p. 16)

É perceptível que naquele momento os meninos não estavam interessados no palhaço, eles queriam brincar com a bola, aproveitar o dia diferente na escola, porém, o professor precisa saber a hora de intervir e como intervir nas brincadeiras (BRASIL, 1998), mas precisa ter cuidado para não reprimir as crianças. Ao ponto de reconhecer que cada criança tem suas singularidades e nem sempre todas tem o mesmo interesse, nem sempre o que é curioso para um é para todos. Em situações como está o professor precisa com discernimento saber lidar com as imprevisibilidades das crianças e ser flexível.

Considerando, portanto, que “[...] uma criança é diferente da outra na forma de falar, agir, pensar, relacionar-se com os outros preferir este e não aquele brinquedo. Um agrupamento

da mesma faixa etária pode ter interesses comuns específicos, mas a singularidades de cada criança deve ser respeitada [...]”. (KISHIMOTO, 2010, p. 8).

O que é problemático, com esses dias “diferentes” é ver que apenas neles houve uma interação, uma preocupação em estar com as crianças, porém, sendo com brincadeiras idealizadas pelos adultos, visto que algumas crianças ainda ficavam afastadas sem o interesse ou gosto de participar. O olhar sobre a criança e a preocupação deve ser algo diário, e não apenas voltados para alguma comemoração.

Deste modo, percebe-se a ação limitada da escola em propor um ambiente e momentos de brincar com as crianças, a interação dos adultos no recreio é mínima, como também o espaço e a falta de materiais, o que restringe também a criatividade e a recreação. Assim, vemos também que isso não está apenas ligado à escola, pois para os materiais ela depende de outros entes federativos, bem como a questão do pátio único a céu aberto, são algumas questões que não dependem apenas dos funcionários da instituição, envolvendo questões políticas, econômicas e sociais. Todavia, ressaltamos a necessidade de uma organização das atividades e da presença efetiva dos professores em todos os momentos que as crianças desempenham nas instituições, para auxílio e promoção de aprendizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da organização que a escola propõe para as crianças no desenvolvimento para as brincadeiras, bem como o espaço e a falta dos materiais disponíveis, sobressai que a brincadeira não é algo que norteia a prática pedagógica dentro da escola, como vemos através dos dados produzidos, há uma dificuldade até mesmo da participação e ação das professoras no momento do recreio.

Quando o espaço limita a exploração da criança, limita também a sua criatividade e o desenvolvimento de habilidades, é importante frisar que a culpa da falta de subsídios e da organização para o desenvolvimento das brincadeiras, não é apenas do corpo escolar, porém vem de instancias maiores, como a falta de recursos materiais, financeiros e a estrutura física.

De tal modo, é perceptível com este trabalho o quanto ainda deve ser feito dentro das instituições de Educação Infantil, ainda há muita coisa a ser superada, e mudanças a serem implementadas, para que possamos ver uma prática pedagógica que busca contemplar a criança como um sujeito ativo e integral, e que as práticas pedagógicas sejam norteadas pelas interações e brincadeiras.

Portanto, é notório que a composição dos horários e atividades no contexto da Instituição de Educação Infantil se torna cada vez mais burocráticos na rotina das crianças e das professoras, o que deve ser questionado para que não voltemos a defender modelos assistencialistas ou alfabetizantes de educação, sem contemplar as singularidades infantis. Todavia, que busquemos reconhecer a importância de práticas que permitam as crianças se desenvolverem, tendo autonomia e criatividade para ressignificar as propostas ofertadas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.

BORBA, Angela Meyer. **Culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: um estudo com crianças de 4-6 anos em instituição pública de educação infantil** / Angela Meyer Borba. – 2005. 298 f.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**/ Gilles Brougère; revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop.- 8. Ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

DORNELLES, Leni Vieira (2001). Na escola infantil todo mundo brinca se você brinca. In: _____. CRAIDY, C. KAERCHER, G. E. (Orgs.) **Educação infantil – Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed. Cap. 8.

FARIAS, Vitória Líbia Barreto de. SALLES, Fátima. **Currículo na educação infantil: dialogo com os demais elementos da proposta pedagógica**. 2. Ed. São Paulo. Átila, 2012. 248 p.

FONTES, Naiane Libório. **Práticas Pedagógicas na Educação Infantil: o brincar nas narrativas de educadoras de crianças de zero a três anos**. 2017. 127p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe. 2017.

FRIEDMANN, Adriana. **O brincar na educação infantil: observação adequação e inclusão**. 1. Ed. São Paulo: Moderna, 2012.

KISHIMOTO, Tizuko M. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil**. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento- perspectivas atuais. Belo Horizonte, nov. 2010

_____, Tizuko M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**/ Tizuko M. Kishimoto (org.); - 14. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

MOREIRA, Hevetto; CALLEFEE, Luiz G. (2008). Classificação da pesquisa. IN: _____. **Metodologia da pesquisa para o professor**. Rio de Janeiro: Lamparino, p. 69-93.

WAJSKOP, Gisela. **O Brincar na Educação Infantil**. Cad. Pesq. São Paulo. N. 92. 1995.

WURDIG, Rogério Costa. **Recreio:** os sentidos do brincar do ponto de vista das crianças.
Intermeio. Campo Grande. Jul./dez/ 2010.